

# Cunhado

Dois lados da mesma moeda

Osvaldo Andrade

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Osvaldo  
Cunhado / Osvaldo Andrade. -- Cidreira, RS : Ed.  
do Autor, 2024.

ISBN 978-65-00-94823-3

1. Contos brasileiros I. Título.

24-194553

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

CERTIFICADO DE REGISTRO DE DIREITO AUTORAL

A Câmara Brasileira do Livro certifica que a obra intelectual descrita abaixo, encontra-se registrada nos termos e normas legais da Lei no 9.610/1998 dos Direitos Autorais do Brasil.

Conforme determinação legal, a obra aqui registrada não pode ser plagiada, utilizada, reproduzida ou divulgada sem a autorização de seu(s) autor(es).

Osvaldo Andrade  
Cunhado

ISBN: 978-65-00-94823-3

Impresso no Brasil

Editado por autor.

# Índice

|                                |    |
|--------------------------------|----|
| Apresentação .....             | 05 |
| I. O Chamado do sino .....     | 07 |
| II. Tia na igreja .....        | 11 |
| III. Preparando o almoço ..... | 15 |
| IV. A caminhada .....          | 19 |
| V. As três mulheres .....      | 21 |
| VI. No acampamento .....       | 25 |
| VII. Em casa .....             | 29 |
| VIII. O sol no horizonte ..... | 33 |
| IX. Isso não acaba assim ..... | 37 |
| X. Um desses dias .....        | 39 |
| XI. Nos dias de verão .....    | 43 |
| XII. Café da manhã .....       | 47 |

|                                      |    |
|--------------------------------------|----|
| XIII. Na varanda de casa .....       | 51 |
| XIV. O porco premiado .....          | 55 |
| XV. Sob o peso do sol .....          | 57 |
| XVI. O casamento .....               | 61 |
| XVII. O salão da festa .....         | 65 |
| XVIII. Brincadeiras na fazenda ..... | 67 |
| XIX. A morte .....                   | 73 |
| XX. O primeiro encontro .....        | 75 |
| XXI. A vitória .....                 | 79 |

# **Apresentação**

O desejo é um sentimento marcante! Ele é uma vontade de busca para alcançar o prazer. E isso todo mundo sente. Ele está aí presente nos momentos do dia a dia. Por mais que se esconda, por mais que se recuse buscá-lo, ele vem e se mostra vivo como parte que compõe qualquer pessoa. O desejo quebra princípios. Ele habita no ser como essência da vida humana.

Você mesmo pode me responder se algum dia já sentiu desejo. Ah! É claro que sim. Quem nunca sentiu desejo por alguma coisa? Ou por alguém? O desejo entra na nossa vida como um invasor que interrompe a razão e busca a satisfação. Até mesmo eu tenho os meus desejos!

Um outro elemento presente, e principalmente no jovem, é a vaidade. Ah! Ela é a preocupação excessiva com suas próprias habilidades, pelo prazer ou com o objetivo de atrair a admiração dos outros. É a necessidade de vangloriar-se! Ela não possui conteúdo e se

baseia numa aparência falsa e mentirosa. Mas ela está lá. Também presente na alma humana.

Pois o homem é esse animal faminto de necessidades, que procura planejadamente ou inconsciente sua presa. O amor é assim, tem que haver conquista. Se não é apenas vontade que passa com o tempo. Planeja, persegue e conquista. Consciente ou não, está a espreita. É orgânico.

A vida existe quando se está olhando! E ela coloca no mundo diversas personagens com múltiplas características. Decidir o papel que vai executar é a escolha de cada um.

Fique a vontade!

# I

## O chamado do sino

As sombras esticadas pela primeira luz nas casas cruzavam a calçada, donde se ouvia um pipocar dos pés de alguém que atendia ao chamado do sino. Desta forma, todas as manhãs de domingo, despertavam.

A casa guardava, ainda no leito, entre cobertores, retorcendo-se em últimos bocejos o corpo jovem que fingia dormir. Esperava ser acordado como costumeiramente. Rotina que não seria quebrada principalmente hoje. Questão de tempo... Só esperar.

As outras pessoas da casa encontravam-se de pé. A conversa vinda da cozinha denunciava isso.

Num instante repentino, o cunhado invade o quarto, removendo panos e travesseiros. Braços e pernas são confusos numa luta de amigos; rasgando altas gargalhadas.

Entre os risos e movimentos num ambiente semi-escuro, a irmã aparece.

- Vamos, parem com isso... o café já está na mesa.

- Maninha! Hoje eu estou muito feliz. E o dia como está lá fora? Não responde. Deixa eu adivinhar. O sol brilhando forte... pássaros e borboletas no ar...

- Deixa de bobagens, Augusto! (Intervém ela às chulices do irmão) Levanta rápido. Para quem ia levantar às seis horas, já está muito atrasado.

- É, cara! (Diz o outro) Vai tomar teu banho, e vê se não demora muito.

À mesa o café. A família: avó sentada à cabeceira da velha mesa de louro coberta por fina toalha de linho branco; de um lado o pai e provavelmente a tia, não fosse o compromisso com a igreja; do outro lado a filha trocando gentilezas com o apaixonado marido.

Entre os minutos marcados pelo relógio da parede, Augusto aparece perguntando por peças de roupa para vestir. O envaidecido rapaz vinha várias vezes à cozinha, com uma toalha presa na cintura. Exibe um peito inflado diante do espelho do corredor, que sempre foi espectador de inúmeras consultas. O exército não o quis, porém a vontade de servir às forças estava sempre presente.

Ao terminar do banho, volta perguntando pela hora.

- Augusto, vai te pentear no banheiro. Está molhando todo o chão (Diz a irmã).

- Olhe só a força destes músculos!

- Um verdadeiro Hércules! (Diz o cunhado através de um curto sorriso).

- Não! Não... Agarra aqui no meu braço...

A vó, que não deixa escapar uma advertência, reclama em alta voz:

- Volta já pro banheiro e vai te secar. Veste uma roupa pra tomar o café.

Uma ordem obedecida sem resistência.

O pai, todavia, orgulhoso do filho que tem, não deixa passar a oportunidade para tecer elogios.

- Ele tem um corpo bem formado. Não é por ser meu filho, mas é um homenzinho que deixa muita gu-  
ria com água na boca.

- Pai coruja! (Diz o cunhado entre um gole de café e um pedaço de pão).

Minutos a mais, o rapaz retorna.

- Vê se desta vez não derrama o leite na toalha, ela está limpinha.

- Tá vó, fica tranquila.

- Não fica nervosa! (Diz entre dentes o cunhado).

Embora o rapaz se mostrasse cuidadoso com os objetos da mesa, deixou pingar na alva toalha algumas gotas de café.

- Miserável! Tu não toma jeito mesmo. Olha o que fez.

- Ora, mamãe! (Intervém o pai) Não se zangue por isso. A euforia dele é porque vai acampar.

- É! Vão se divertir, enquanto aqui em casa ainda tem muito trabalho a fazer.

- Vó! Eu já falei com o Bem e assim que voltarem, a grama será aparada. É prometido!

- É, vizinha! E vamos pintar o muro.

A velha parece que responde com um som gutural, arrancado com possível dúvida.

- Ora, vó! O Bem e o Augusto vêm planejando esse acampamento a muito tempo. É esse o motivo de tanta alegria; a senhora sabe que o mano não sai de casa há muito.

Depois do familiar café, põem as mochilas nas costas e querem partir.

- Onde está a tia?

- Onde poderia estar? Na igreja. Ela não pode ouvir aquele sino que já tem de ir. Não sei em que errei quando criei esses dois. Vê o teu pai, é o oposto da tua tia, nem sequer acredita em Deus. Só procura os amigos do bar.

- Mamãe! Não vamos falar sobre isso agora. Vão! Vão e divirtam-se.

A vó pergunta à neta porquê não vai junto com o marido e o irmão. - Pensei que tu fosse.

- Eu prefiro não ir desta vez, eles vão muito longe.

Os dois partem espichando acenos até a esquina, enquanto frente a casa ficam os outros respondendo aos sinais.

Site: [ocsan.net/autor](http://ocsan.net/autor)

E-mail: [osvaldoandradeautor@gmail.com](mailto:osvaldoandradeautor@gmail.com)